

DE FLAUBERT PARA MAUPASSANT

Brigitte Monique HERVOT*

RESUMO: Esse artigo tem como objetivo apresentar algumas reflexões acerca de uma seleção de cartas que Gustave Flaubert (1821-1880) escreveu a Guy de Maupassant (1850-1893), entre 23 de setembro de 1872 e 3 de maio de 1880. Por oito anos, Flaubert foi amigo e mestre literário de Maupassant e suas cartas, marcadas por um discurso múltiplo e desordenado, revelam o caminho da construção da amizade e a dedicação apaixonada do mestre à formação intelectual e artística do jovem escritor. Pretende-se, aqui, tecer algumas considerações sobre os momentos em que a fala de Flaubert assume, direta ou indiretamente, uma função pedagógica e a carta se torna um veículo de ensinamentos literários.

PALAVRAS-CHAVE: Flaubert. Maupassant. Cartas. Epistolografia.

A correspondência de Flaubert é conhecida como uma das mais belas da literatura francesa. Atualmente, a edição de referência de sua correspondência geral, na coleção de *La Bibliothèque de la Pléiade* da Gallimard, reúne mais de 4000 missivas, escritas ao longo de cinquenta anos, entre 1830 e 1880. O leque de correspondentes abarca membros de sua família, amigos, amantes, escritores, diretores de teatro e de revista, dentre os principais. Os temas de atualidade que Flaubert aborda à medida que surgem no cotidiano, sem outra preocupação a não ser dizer o que pensa, fornecem informações valiosas ao leitor moderno sobre uma realidade histórica, sociológica, política da época. O conjunto epistolar torna-se assim um documento oficioso sobre a sociedade francesa do século XIX. É também um material paralelo à escrita ficcional, porém essencial, para se entender a gênese, o amadurecimento e até mesmo a recepção da obra pública, em outras palavras, um “laboratório de seu trabalho” (FREJLICH, 1933, p.6).

As cartas que escreve a Maupassant fazem parte do último período de sua correspondência e vida. Trata-se de 61 cartas¹ – publicadas pela editora Conard

* UNESP – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Departamento de Letras Modernas. Assis – SP – Brasil. 19806-900 – biche@uol.com.br

¹ Essas cartas estão disponíveis no site universitário do *Centre Flaubert de l'Université de Rouen (Laboratoire Cérédi: Centre d'étude et de recherche Éditer-Interpréter)*, graças ao trabalho de Danielle

entre 1926-1933 – que Flaubert mandou a Maupassant entre 23 de setembro de 1872 e 3 de maio de 1880, cinco dias antes da morte repentina de Flaubert, logo após a publicação da primeira obra-prima de Maupassant, *Boule de Suif*. A respeito dessa edição, é importante dizer que as cartas reunidas nela representam apenas uma ínfima parcela das missivas. Hoje, os críticos podem ler 91 cartas e, ainda assim, restam muitas inéditas que nunca serão conhecidas, se a anotação de Hermine Lecomte du Noüy, uma amiga íntima de Maupassant for verdade: “*Madame de Maupassant a seulement 18 lettres de Flaubert, Guy en possède 286 qu’il garde pieusement.*” (BIENVENU, 2002, p.15). Contudo, se a edição da Conard é bastante incompleta, não é por isso menos valiosa, pois ela, de fato, “[...] *donnait une grande partie des lettres, parmi les plus significatives de la correspondance.*” (GIRARD; LECLERC, 2011²), razão pela qual as escolhi como corpus deste artigo.

Para poder falar das cartas de Flaubert a Maupassant, proponho voltar ao tempo anterior já que a relação de ambos existe muito antes do início da troca epistolar. E ninguém pode melhor falar dessa época senão o próprio Maupassant. Vê-se como ele relata uma visita “inesquecível” que fez a Flaubert em Paris, na crônica “*Gustave Flaubert*”, publicada em *L’Écho de Paris* no dia 24 de novembro de 1890.

J’ai connu Flaubert très tard, bien que sa mère et ma grand-mère eussent été des amies d’enfance. Mais les circonstances éloignent les amis et séparent les familles. Je l’ai donc vu deux ou trois fois seulement pendant ma première jeunesse.

C’est après la guerre, quand je vins à Paris, devenu homme, que j’allai lui faire une visite, définitive dans nos relations, et dont le souvenir est resté en moi inoubliable.

Il a dit et il a écrit lui-même que son amour immodéré des lettres lui a été en partie insufflé, au commencement de sa vie, par son plus intime et plus cher ami, mort tout jeune, mon oncle, Alfred Le Poittevin, qui fut son premier guide dans cette route artiste, et pour ainsi dire le révélateur du mystère enivrant des Lettres. [...]

Quand il me reçut il me dit, en m’examinant avec attention: “Tiens, comme vous ressemblez à mon pauvre Alfred.” Puis il reprit: “Au fait, ce n’est pas étonnant puisqu’il était le frère de votre mère.”

Il me fit asseoir et m’interrogea. Ma voix aussi, paraît-il, avait des intonations toutes semblables à celles de la voix de mon oncle; et tout à coup je vis les yeux de Flaubert pleins

Girard e Yvan Leclerc, que digitalizaram os nove volumes da correspondência geral de Flaubert, um total de 1992 cartas publicadas pela editora Louis Conard entre 1926 e 1933. Confira Flaubert (1926-1933).

² A maioria das citações deste artigo foi tirada da Internet; por isso, a ausência do número da página das citações.

de larmes. Il se dressa, enveloppé des pieds à la tête dans cette grande robe brune à larges manches qui ressemblait à un froc de moine, et levant ses bras, il me dit d'une voix vibrante de l'émotion du passé:

“Embrassez-moi, mon garçon, ça me remue le cœur de vous voir. J'ai cru tout à l'heure que j'entendais parler Alfred.”

Et ce fut là certainement la cause vraie, profonde, de sa grande amitié pour moi.

Certes je lui ai rapporté toute sa jeunesse disparue, car élevé dans une famille qui fut presque la sienne, je lui rappelais toute une manière de penser, de sentir, même d'exprimer, des tics de langage dont quinze ans de sa vie première avaient été bercés.

J'étais pour lui une sorte d'apparition de l'Autrefois.

Il m'attira, m'aima. Ce fut parmi les êtres rencontrés un peu tard dans l'existence le seul dont je sentis l'affection profonde, dont l'attachement devint pour moi une sorte de tutelle intellectuelle, et qui eut sans cesse le souci de m'être bon, utile, de me donner tout ce qu'il me pouvait donner de son expérience, de son savoir, de ses trente-cinq ans de labeurs, d'études, et d'ivresse artiste. (MAUPASSANT, 1890).

A citação é longa, porém bastante esclarecedora para contextualizar as cartas aqui estudadas e entrever a relação que as permeia. As respectivas famílias se conhecem há muito tempo, duas gerações anteriores, mas por conta das “circunstâncias”, Maupassant praticamente não encontrou Flaubert durante sua infância e juventude. Dentre essas circunstâncias – que Maupassant não explicita no texto – sobressai a morte repentina de seu tio, Alfred Le Poittevin, poeta e amigo íntimo de Flaubert, em 1848, portanto dois anos antes de Maupassant nascer. Sem o amigo de infância e professor perto, Flaubert se afasta da casa onde passou várias férias com Alfred e sua irmã, Laure Le Poittevin, mãe de Guy de Maupassant³.

Portanto, a relação inicia-se, verdadeiramente, depois da guerra franco-prussiana de 1870, concomitantemente com o diálogo epistolar, que, como já foi dito, será interrompido com a morte de Flaubert em 1880. Originalmente, a relação existe por causa do passado. É a história de vida de Flaubert que

³ O crítico Thibaudet, no livro *Flaubert*, conta a história das duas famílias – Flaubert e Le Poittevin – e dá informações sobre a relação entre Alfred e Flaubert: “Né en 1816, Alfred nous paraît le véritable frère aîné de Gustave. [...] La sœur de Le Poittevin, Laure, qui sera la mère de Guy de Maupassant, est née la même année que Gustave. Il y a plus de culture, de tradition, et aussi de forme, chez les Le Poittevin que chez les Flaubert (le fils du vétérinaire de Nogent fait un peu, à Rouen, figure d'homme nouveau). Et surtout Le Poittevin est poète, il écrit, il imprime. Il a fait l'éducation littéraire de sa sœur Laure. Il contribue à celle de Gustave, le conscrit de Laure. En 1834, l'année où Flaubert, élève de sixième au collège, y fonde le journal manuscrit *Art et Progrès*, est celle où Le Poittevin en sort, ayant achevé sa rhétorique, et celle où y entre Louis Bouilhet. Le Poittevin, Flaubert, Bouilhet, en attendant le neveu de Le Poittevin, Maupassant, nous voilà en présence d'une école de Rouen, ou tout au moins d'une équipe rouennaise, par laquelle Flaubert sera soutenu, encadré, continué.” (THIBAUDET, 2007, p.8-9).

está na origem de sua relação com o jovem Maupassant, com a figura do tio de Maupassant, Alfred Le Poittevin em destaque. Em uma carta à mãe de Maupassant, em 23 de fevereiro de 1873, Flaubert declara seus sentimentos para com Maupassant:

[...] depuis un mois je voulais t'écrire pour te faire une déclaration de tendresse à l'endroit de ton fils. Tu ne saurais croire comme je le trouve charmant, intelligent, bon enfant, sensé et spirituel, bref (pour employer un mot à la mode) sympathique! Malgré la différence de nos âges, je le regarde comme un "ami", et puis il me rappelle tant mon pauvre Alfred! J'en suis même parfois effrayé, surtout lorsqu'il baisse la tête en récitant des vers. Quel homme c'était, celui-là! Il est resté, dans mon souvenir, en dehors de toute comparaison. Je ne passe pas un jour sans y rêver. D'ailleurs le passé, les morts (mes morts) m'obsèdent. Est-ce un signe de vieillesse? Je crois que oui. (FLAUBERT, 1873b, carta 1363).

A tristeza perpassa as últimas reflexões. Aliás, no que concerne à vida privada de Flaubert, o período que engloba essa correspondência, especialmente entre 1869 e 1875, é marcado por uma série de acontecimentos negativos como a morte de pessoas queridas, a guerra, as dificuldades econômicas, acontecimentos todos que levam o escritor a uma melancolia profunda. Esse mesmo período, porém, é bastante fecundo literariamente: em 1869, *L'Éducation sentimentale*, em 1872, a representação de *Mademoiselle Aïssé* de Bouilhet e a publicação de suas *Dernières chansons* com um *Préface* dele próprio, enfim, em 1874, *Le Candidat* e *La Tentation*. Nos quatro anos seguintes, a produção continua importante: *Trois contes*, *La légende de St Julien l'Hospitalier*, *Un coeur simple*, *Hérodias*, além de *Bouvard et Pécuchet*, um romance enciclopédico inacabado.

A vida de Maupassant está ainda começando e tem 20 anos quando a guerra de 1870 é declarada. Participa como voluntário, mas logo percebe o absurdo da situação. Do impulso patriótico para enfrentar os prussianos que sitiavam Paris, passando pelo sentimento de horror face à guerra e de desprezo em relação aos chefes militares, Maupassant fará de tudo para “[...] *survivre en attendant de vivre.*” (TROYAT, 1989, p.38). A lembrança dessa guerra perseguirá o escritor e seus primeiros textos. Em 1871, deixa definitivamente o exército e se instala em Paris. Deseja retomar seus estudos de direito que havia começado antes da guerra, mas a situação financeira de seu país não lhe permite. Em 1872, após muitos tratos e solicitações, com a ajuda de seu pai e de Flaubert, torna-se funcionário no *Ministère de la Marine*, depois, no *Ministère de l'Instruction publique* até 1880. Vive financeiramente apertado, ou como se diz em francês, *il tire le diable par la queue*. Ademais, detesta o que faz no seu trabalho. Por isso, quando pode, foge desse cotidiano que o oprime, para se dedicar ao que lhe interessa de fato:

escrever e levar uma vida de prazeres intensos. Aos domingos, rema no rio Sena, frequenta os cabarés prediletos dos pintores impressionistas, conquista mulheres, e/ou vai regularmente à casa de Flaubert onde o mestre cuida de sua formação intelectual e literária.

Enquanto isso, com os ensinamentos de Flaubert, escreve. Primeiramente, uma peça de teatro, pornográfica, escrita rapidamente, *À la feuille de rose. Maison turque*, e representada em 1875 para um público seletivo (MAUPPASSANT, 19875a). Escreve outras peças, mas todas são recusadas pelos teatros da época. Publica alguns contos que assina com diferentes apelidos, como por exemplo Maufriigneuse et Guy de Valmont⁴. Em 1879, a publicação de alguns versos em uma revista literária lhe traz problemas com a justiça. Enfim, em abril de 1880, uma coletânea organizada por Émile Zola, intitulada *Soirées de Médan*, inclui a novela mais famosa de Maupassant, *Boule de Suif*, um sucesso imediato entre o público leitor. Flaubert, até então sempre muito rígido nas suas críticas à escrita de seu aluno, declara o texto uma obra-prima. Um mês após Maupassant ter conquistado a duras penas o título de escritor, Flaubert morre e deixa o aluno seguir seu caminho sozinho.

Esses breves comentários formam o pano de fundo das cartas e de minha leitura, propositalmente desordenada, tal qual a conversa epistolar entre ambos os escritores. Seguem, assim, algumas reflexões que as missivas despertaram em mim e em muitos outros leitores antes de mim.

A primeira sensação ao ler as cartas é o predomínio da relação afetiva. São os sentimentos por Maupassant que motivam e explicam a preocupação sincera e constante de Flaubert em suas cartas, tanto como pai literário quanto espiritual, ocasiões em que se mostra mais severo quanto a seus julgamentos e críticas. Não importa o assunto, o mestre se interessa pela vida do pupilo. E, muitas vezes, escreve sem ter nada para contar. Escreve apenas “para ter notícias” que possam reconfortá-lo. Não gosta de ficar sem saber de seu discípulo e, tampouco, sem saber o que acontece por ali. Pede notícias da saúde de Maupassant, de sua mãe. Dá-lhe conselhos quando esse se queixa de problemas de qualquer ordem e sempre torce por ele: ora pelo sucesso da estréia de uma peça, ora para Maupassant obter um trabalho de cronista em um jornal parisiense. Está sempre ao lado de seu protegido e não hesita em escrever inúmeras cartas de apresentação e de recomendação para ajudá-lo na vida pessoal e profissional.

⁴ São apenas dois dos pseudônimos que Maupassant, por razões pessoais e/ou profissionais, usa para assinar os artigos que publica em diversos jornais. Para conhecer todos, sua origem e os textos assim assinados, confira Maupassantiana (2011).

Essas cartas que Flaubert, ocasionalmente, anexa à carta principal não só provam a sua eterna disposição em ajudar seu amigo, como também revelam a influência que o escritor tinha no mundo editorial e no mundo dos letrados. Geralmente, Maupassant sabe o teor dessa carta, pois Flaubert ou a comenta, ou até mesmo não a fecha, como em uma carta de outubro de 1876, em que escreve: *“Je n’ai pas cacheté l’enveloppe, mais, pour épargner votre modestie, collez-la vite préalablement.”* (FLAUBERT, 1876c, carta 1614) Redige muitas cartas desse tipo e sabe que essas podem fazer a diferença. Seu prestígio junto aos diretores de jornais, dos editores, da elite artística dos salões literários, abre um leque grande de correspondentes com quem pode falar de Maupassant. Sabe que louvar as qualidades literárias de seus textos em uma carta a um terceiro pode impulsionar a publicação dos mesmos e, por isso, não poupa esforços nem tinta para vê-lo contratado por um jornal. Sabe também que sua interferência pode ser útil para ajudar o amigo a mudar de ministério. Procura ainda fazer ouvir sua voz na defesa de Maupassant durante processos na justiça por ataque à moral e pudor.

Assim, no intuito de influir positivamente no curso da vida de Maupassant, Flaubert redige inúmeras cartas que, conforme o assunto, podem levar muito tempo para ser redigidas. De modo geral, não se queixa da tarefa. Parece que é bastante experiente nessa forma de diplomacia epistolar e sabe que é preciso insistir. Em 23 de janeiro de 1880, Flaubert promete interceder a favor de seu discípulo para a publicação de um livro de poesias, mas lhe aconselha também fazer sua parte e ir à casa de Georges Charpentier, editor famoso na época: *“Après quoi j’écrirai audit Charpentier lui-même et lui reparlerai de vous. Mais allez souvent dans sa boutique! Assommez-le! Importunez-le! fatiguez-le! C’est là la seule méthode. À force d’embêter les gens, ils cèdent.”* (FLAUBERT, 1880g, carta 1933). Ele mesmo escreve várias cartas ao casal Charpentier. Aliás, mais importante do que a missiva ao editor, é a carta à esposa, escrita no mesmo dia em que escreve a Maupassant. Não há dúvida, ao lê-lo, de que Flaubert usa de uma estratégia – pedir à mulher para interceder a favor de seu pedido – e usa da sinceridade nas suas declarações:

Maintenant autre guitare: je demande à votre mari comme un service personnel de publier maintenant, c’est-à-dire avant le mois d’avril, le volume de vers de Guy de Maupassant, parce que cela peut servir au susdit jeune homme pour faire recevoir aux Français une petite pièce de lui. J’insiste. Ledit Maupassant a beaucoup, mais beaucoup de talent! C’est moi qui vous l’affirme et je crois m’y connaître. Ses vers ne sont pas ennuyeux, premier point pour le public; et il est poète, sans étoiles, ni petits oiseaux. Bref, c’est mon disciple et je l’aime comme un fils.

Si votre légitime ne cède pas à toutes ces raisons-là, je lui en garderai rancune, cela est certain. De plus, le même Charpentier me doit des excuses pour ne m'avoir point transmis le splendide article de Zola sur l'Éducation sentimentale. Sans un ami (de Rouen) qui me l'a envoyé, j'eusse été privé de cet encens. (FLAUBERT, 1880i, carta 1929, grifo do autor).

Novamente, os sentimentos e a razão servem de apoio a seu pedido. Sem pudor, revela seu amor por Maupassant e elogia seu talento, sua escrita. Assume-o deliberadamente – dando um destaque caligráfico na sua declaração – como seu “discípulo”. O “*brief*” que antecede a declaração soa como uma conclusão evidente. O talento se explica pela relação de mestre-discípulo e essa condição justifica o pedido. Infelizmente, a carta não chega às mãos da destinatária e Flaubert, alguns dias depois, deve novamente solicitar a ajuda do editor, de forma mais objetiva.

Pour vous fléchir, j'avais bassement écrit à Mme Charpentier. Mon épître a dû lui arriver le jour précisément où elle enfantait. Donc, ma lettre est probablement perdue. Elle avait pour but de vous recommander la publication, aussi prompte que possible, des Vers de Maupassant. Faites cela, et vous m'obligerez infiniment. C'est un SERVICE que je vous demande, et la publication ne vous déshonorera pas. (FLAUBERT, 1880f, carta 1936, grifo do autor).

Seria interessante, para um próximo estudo, ler essas cartas e bilhetes para analisar a estética e o conteúdo desse tipo de cartas. De antemão, arrisco-me a dizer que provavelmente se verificará a presença de um modelo. Esses textos poderão também revelar uma outra face de Maupassant: o que Flaubert escreve a respeito de seu discípulo e amigo a outros correspondentes.

Outra impressão que se sobressai da leitura das cartas do mestre é que atendem à definição clássica da carta enquanto “diálogo entre ausentes”. Na verdade, parecem continuar uma conversa anterior ou antecipar uma conversa a vir, ao vivo, fornecendo ao leitor de hoje dados relativos à obra e à vida cotidiana de ambos os escritores. À primeira vista, é possível observar que Flaubert não dedica muito tempo a essa conversação epistolar e, salvo raras exceções, suas cartas são curtas. Muitas, na verdade, são breves bilhetes com propósito de cunho prático e imediato que deixam pouco espaço para manifestações íntimas ou discussões de ordem pessoal ou profissional. São cartas de solicitação, nas quais Flaubert requer a ajuda de Maupassant, seja para levar um recado, para interceder a seu favor em um ministério onde trabalha, seja para encontrar informações a serem usadas na elaboração da obra ficcional. O amigo não se furta a nenhuma das tarefas. Certamente, é uma forma de retribuir a Flaubert sua amizade e generosidade para com ele; é também uma forma de conhecer a vida literária e seus principais agentes em Paris, mas, sobretudo, é uma maneira de aprender a

arte de escrever: procurar informações para a redação de um livro de Flaubert, sem dúvida, colaborou com a sua formação literária.

Maupassant não é o único, mas é um de seus principais informantes na década em que se correspondem – muitos escritores e amigos de Flaubert já morreram – e um dos exemplos mais marcantes de sua colaboração na escrita ficcional de Flaubert são duas cartas do mestre datadas de novembro de 1877. Nelas, agradece a Maupassant o envio de informações para o romance *Bouvard e Pécuchet*. Inicia a primeira carta, no dia 5, com elogios sucintos, antes de criticar a minúcia das informações: “*Vos renseignements sont parfaits. Je comprends toute la côte entre le cap d’Antifer et Étretat, comme si je la voyais. Mais c’est trop compliqué. Il me faut quelque chose de plus simple, autrement ce seraient des explications à n’en plus finir.*” (FLAUBERT, 1877b, carta 1714). Continua esclarecendo a Maupassant o que ele quer exatamente e, para ajudá-lo, fornece-lhe dados que revelam uma organização minuciosa da escrita. O que ele espera que seu informante encontre depende de um plano da obra já definido com precisão:

Songez que tout ce passage de mon livre ne doit pas avoir plus de trois pages, dont deux au moins pour le dialogue et la psychologie. Voici mon plan que je ne puis changer. Il faut que la nature s’y prête (le difficile est de ne pas être en opposition avec elle, de ne pas révolter ceux qui auront vu les lieux). (FLAUBERT, 1877b, carta 1714).

Segue então uma explicação detalhada de seu plano, na qual o escritor indica as ações das personagens, a psicologia das mesmas, os diálogos – seu conteúdo e seu lugar na narrativa –, a duração das ações, tudo isso para orientar Maupassant na sua pesquisa. A natureza deve ser descrita de acordo com sua significação e sua função na obra, como se ela devesse se adequar à ficção sem se contrapor à realidade. O dilema em como equilibrar elementos com os quais constrói sua obra e suas personagens é resolvido na carta seguinte, alguns dias depois. Revela – com a mesma quantidade de pormenores da carta anterior – qual caminho suas personagens vão seguir e concluir:

De cette façon j’ai très peu de descriptions à faire et mes personnages (dialogue et psychologie) restent au premier plan.

La côte d’Étretat est trop spéciale et m’entraînerait dans des explications encombrantes. Dimanche soir, j’espère avoir fini mon abominable chapitre des sciences! Ouf! (FLAUBERT, 1877a, carta 1715).

Ufa! mas nem tanto... pois Flaubert ainda não chegou ao fim dessa tarefa difícil. As cartas seguintes revelam em várias ocasiões as dificuldades e os esforços

sobrehumanos do criador. No momento da redação, vê-se que a relação do autor com sua obra é sofrida, o que o leva a se queixar abertamente, a ponto de negar qualquer prazer na empreitada: “*Quel bouquin!*” (FLAUBERT, 1878d, carta 1746) reclama ele em 15 de agosto de 1878, para se referir a *Bouvard et Pécuchet*, sendo ainda mais explícito com o andar da obra, “*J’ai peur d’être terminé moi-même avant la terminaison de mon roman. Quel fardeau qu’un pareil bouquin!*” (FLAUBERT, 1879a, carta 1910). Não espera que seja um recorde de vendas, bem ao contrário, suas expectativas não podem ser mais desanimadoras: “*Quant à espérer me faire lire du public, avec une oeuvre comme celle-là ce serait de la folie!*” (FLAUBERT, 1878d, carta 1746). Naturalmente, sendo o livro um fardo, perpassa uma sensação de peso, de esgotamento físico e mental, de tristeza profunda e de falta de esperança que se destaca no tom e nos desabafos do autor. A confissão de Flaubert em dezembro de 1878 é um bom exemplo desse tipo de cartas em que se observa a influência da obra sobre o estado de alma do escritor.

Quant à moi, je continue à être d’une noire tristesse, ce qui ne m’empêche pas de travailler formidablement. Je suis perdu dans la métaphysique, chose peu gaie, d’ailleurs. Je prépare mes trois derniers chapitres à la fois: Philosophie, Religion et Morale. Ce poids m’écrase. Ajoutez-y celui de ma personne et vous comprendrez mon aplatissement. (FLAUBERT, 1878a, carta 1781).

Várias vezes, a escrita é declarada fisicamente exaustiva como, a título de exemplo, em julho de 1878, quando diz, “*Je travaille comme 36 mille hommes présentement [...]*” (FLAUBERT, 1878e, carta 1740), e um mês depois, “*La fin de mon chapitre m’a éreinté, ma cervelle est embrouillée.*” (FLAUBERT, 1878c, carta 1747). Tais afirmações não parecem exageradas. Sabe-se o que Flaubert exige de si em nome da arte. Antes mesmo de escrever, são-lhe necessárias leituras fenomenais às quais o artista se refere em inúmeras cartas. Na mesma carta de 31 de dezembro de 1878, Flaubert escreve: “[...] *je suis éreinté à force de lire et de prendre des notes.*” (FLAUBERT, 1878a, carta 1781). A leitura é uma das etapas da criação e faz parte da rotina de trabalho de Flaubert, por isso, não hesita em pedir diversos textos e livros a Maupassant em sua correspondência. Esses pedidos podem parecer, às vezes, redigidos sem muito cuidado nem tato, porém a urgência para a continuação da obra em curso e a relação entre ambos dispensam o uso de palavras educadas, sem o medo de magoar o outro. Aliás, vale reparar que, em muitas cartas, Flaubert nem sequer inicia sua fala com qualquer tipo de saudação, bem como acaba bruscamente seu discurso sem nenhuma fórmula de despedida, antecipando, as mensagens internéticas de hoje. Na época, é a

amizade que justifica essa plena liberdade formal. Talvez seja também por parte dos missivistas uma forma de não seguir as regras dos Secretários, em nome de uma escrita livre. De qualquer modo, e independentemente da forma como é expresso, o desejo de Flaubert para Maupassant é uma ordem.

Assim, por exemplo, no final de fevereiro de 1880, a necessidade do livro é destacada pelo tom categórico e pelo destaque tipográfico que o próprio Flaubert deu a seu texto: “*Voici un bouquin qui rentre absolument dans mon sujet. Il me le faut, et promptement: Félix Voisin: Applications de la physiologie du cerveau à l'étude des enfants qui nécessitent une Éducation spéciale, Paris, 1830.*” (FLAUBERT, 1880c, carta 1963). De modo geral, as leituras também geram queixas, dado o trabalho que elas dão ao escritor. Em fevereiro de 1880, Flaubert reclama de seu estado físico:

Vraiment je suis accablé par mes lectures, et mes pauvres yeux n'en peuvent plus. J'ai encore une douzaine d'ouvrages à lire avant de commencer mon dernier chapitre. Je suis maintenant dans la phrénologie et le droit administratif, sans compter le De Officiis de Cicéron, et le coît des paons.

Vous qui êtes (ou qui, mieux, avez été) un rustique, avez-vous vu ces bêtes se livrer à l'amour? (FLAUBERT, 1880e, carta 1940).

Além das leituras que se prolongam durante toda a redação do livro e que são acompanhadas de anotações, uma outra fase importante na elaboração da obra é a redação de um plano, uma etapa que permite a Flaubert possuir uma idéia do todo. Em 22 de janeiro de 1880, entretido pela redação do último capítulo de *Bouvard e Pécuchet*, sobre a educação, Flaubert pede a Maupassant para pesquisar na biblioteca do Ministério textos que pudessem ajudá-lo no seu objetivo e conclui da necessidade de Maupassant ler o plano para entender o que de fato precisa:

Je veux montrer que l'éducation, quelle qu'elle soit, ne signifie pas grand'chose, et que la nature fait tout ou presque tout. Avez-vous un catalogue de votre bibliothèque? Parcourez-le et voyez ce qui peut me servir. Si je vous lisais mon plan, vous verriez ce qui me conviendrait. Il sera fait dans une quinzaine. (FLAUBERT, 1880g, carta 1933).

Por detrás do plano, existe a necessidade de uma visão do conjunto antes de começar a escrever. É essa mesma idéia expressa um ano antes, em março de 1879 quando Flaubert fala o que está fazendo para a preparação de sua obra: “*Je continue à faire de la métaphysique. Mon nouveau manuscrit est préparé. J'en vois maintenant l'ensemble et je me mettrai à l'écrire dans huit ou dix jours, quand*

Caroline (que j'attends demain) sera partie.” (FLAUBERT, 1879e, carta 1833). São apenas alguns exemplos, dentre muitos outros, revelando que para Flaubert a obra não nasce espontaneamente, é fruto de muito trabalho, esgotante, porém essencial, pois, para ele, apenas a dedicação total à arte pode salvar o homem de sua melancolia.

Vê-se agora porque o romancista não dispõe de muito tempo para a escrita epistolar. Falta de tempo e dedicação à obra literária são algumas das justificações que apresenta pela brevidade de sua carta, isso quando há justificações... A brevidade das missivas determina o estilo marcado por uma ausência de lirismo ou de eloquência ou ainda do pitoresco, elementos reservados à obra literária. Entretanto, esse estilo conciso não exclui o humor que lhe é próprio, e ao qual recorre para divertir Maupassant. Outras vezes, deixa-se levar pela emoção e, regularmente, mostra sua cólera sempre suscitada pelas mesmas razões: a antipatia pelos jornalistas e diretores de teatro, a dificuldade de ver suas obras publicadas ou suas peças representadas, a ausência de resposta escrita a indagações suas, entre outros motivos. Nesses momentos, apoiado na convivência entre ele e seu correspondente, o estilo torna-se “natural”, coloquial, até mesmo vulgar, apenas possível em uma carta dirigida a alguém muito íntimo.

Essa intimidade que existe entre Flaubert e Maupassant evolui com o tempo e as marcas epistolares acompanham esse trajeto. Lembro que Flaubert tem vinte nove anos a mais que Maupassant. Assim se observem-se apenas as fórmulas iniciais que Flaubert usa, desde o começo da troca epistolar para se dirigir a seu correspondente, vê-se que a bonomia, a simpatia, a camaradagem permeiam as expressões recorrentes tais quais “*mon jeune homme*”, “*mon cher ami*”, “*mon bon*”; em outros momentos, sobressai-se um carinho quase paternal na escolha das palavras, “*mon petit père*”, “*mon cher Guy*”, “*mon cher bonhomme*”, “*mon pauvre chéri*”, “*mon chéri*”; certas vezes, é o humor e a cumplicidade que justificam as expressões, “*lubrique auteur*”, “*obscène jeune homme*”. Enfim – e, nesse caso, a chamada é particularmente significativa, pois instaura uma nova relação entre ambos – é com admiração e orgulho que Flaubert escreve em 2 de janeiro de 1880 a Maupassant e, pela primeira vez, dirige-se a ele chamando-o de “*mon très aimé disciple*” (FLAUBERT, 1880j, carta 1925). Nesse bilhete bem humorado em que Flaubert manda seus votos de fim de ano, o mestre se refere também à publicação iminente de *Boule de Suif*, a novela que irá marcar o início da trajetória literária de Maupassant. Um mês depois, em 1º de fevereiro de 1880, Flaubert justifica a nova forma de se dirigir a Maupassant:

[...] il me tarde de vous dire que je considère Boule de Suif comme un chef-d'oeuvre. Oui! Jeune homme! Ni plus, ni moins, cela est d'un maître. C'est bien original de conception, entièrement bien compris et d'un excellent style. Le paysage et les personnages se voient et la psychologie est forte. Bref, je suis ravi; (FLAUBERT, 1880e, carta 1940, grifo do autor).

É ainda mais explícito na carta de 24 de março de 1880, em que Flaubert convida Maupassant para jantar e dormir em Croisset, juntamente com Goncourt, Zola, Alphonse Daudet e o editor Charpentier. Finaliza sua carta com a seguinte frase: “*Le festival manquera de splendeur si je n'ai pas mon disciple.*” (FLAUBERT, 1880b, carta 1973), relação literária que se complementa com a relação afetiva por meio da assinatura carinhosa e paternal: “*Ton vieux*”. Enfim, um mês antes de morrer, Flaubert reitera suas críticas com ainda mais fervor:

Tu as raison de m'aimer, car ton vieux te chérit. J'ai lu immédiatement ton volume, que je connaissais, du reste, aux trois quarts. Nous le reverrons ensemble. Ce qui m'en plaît surtout, c'est qu'il est personnel. Pas de chic! pas de pose! ni parnassien, ni réaliste (ou impressionniste, ou naturaliste). Ta dédicace a remué en moi tout un monde de souvenirs: ton oncle Alfred, ta grand'mère, ta mère, et le bonhomme, pendant quelque temps, a eu le coeur gros et une larme aux paupières. (FLAUBERT, 1880a, carta 1986).

Na verdade, se Flaubert esperou até 1880 para se dirigir a Maupassant chamando-o de discípulo, isso não significa que o mestre não assumiu essa paternidade muito antes. O crítico Louis Forestier, ao ler várias cartas a outros correspondentes em que Flaubert se refere a Maupassant, afirma que, já em fevereiro de 1876, o designa com as expressões “*mon petit disciple*”, “*mon disciple Guy*”, “*mon élève*” (FORESTIER, 2003) em uma carta a sua sobrinha Caroline. Infelizmente, Flaubert não teve tempo de acompanhar o resto da carreira de seu discípulo, entretanto, teve a oportunidade de declará-lo um “mestre” da literatura e, assim, incluí-lo na categoria dos escritores universais, consequência de dez anos de ensinamentos ao vivo e por cartas.

Vários bilhetes atestam os encontros entre Flaubert e seu pupilo. Em fevereiro de 1875, o bilhete é curto e objetivo, como a maioria dos convites:

Lubrique auteur, obscène jeune homme ne venez pas déjeuner dimanche chez moi (je vous en dirai la raison) mais venez, si vous ne canotez pas, vers 2 heures.

C'est mon dernier dimanche et Tourgueneff nous a promis de nous traduire enfin le Satyre du père Goethe.

À vous. (FLAUBERT, 1875b, carta 1527).

Os epítetos escolhidos por Flaubert para se dirigir a seu amigo evocam a peça erótica de Maupassant *À la feuille de rose, Maison turque*, da qual o próprio Flaubert, dizem, dirige as repetições. Um mês depois, Maupassant escreve a sua mãe: “*Nous allons, quelques amis et moi, jouer dans l’atelier de Leloir une pièce absolument lubrique où assisteront Flaubert et Tourgueneff.*” (MAUPASSANT, 1875c, carta 36). Enfim, no dia 15 de abril, envia um convite ao escritor e amigo Edmond Laporte nos termos que seguem: “*La solennité est enfin fixée au lundi 19 du présent mois. Ne seront admis que les hommes au-dessus de vingt ans et les femmes préalablement déflorées. La loge royale sera occupée par l’ombre du grand marquis [...]*” (MAUPASSANT, 1875b, carta 40). Flaubert parece ter se divertido muito com esse episódio.

Outro elemento interessante para a questão da formação de Maupassant é o dia da semana, domingo, que aparece no bilhete acima e que ressurgue frequentemente nos convites. É no domingo que Flaubert e alguns de seus amigos e escritores se reúnem para falar de literatura e de suas respectivas obras. Infelizmente, com o passar dos anos, o círculo de amigos se restringe. Observa-se a angústia de Flaubert em uma carta de outubro de 1869, à sobrinha Carolina:

Je ne suis pas gai! Saint-Beuve est mort hier, à 1 heure et demie de l’après-midi. Je suis arrivé chez lui comme il venait d’expirer. Quoique celui-là ne fût pas un intime, sa disparition de ce monde m’afflige profondément. Le cercle des gens avec lesquels je peux causer se rétrécit. La petite bande diminue. Les rares naufragés de la Méduse s’anéantissent. (FLAUBERT, 1869, carta 1073).

O sentimento de abandono de Flaubert destaca-se na imagem implícita do “*radeau de la Méduse*”⁵ na época em que seus velhos amigos morrem um após o outro. É justamente nessa época que se intensificam os encontros com Maupassant, que vêm preencher o vazio deixado pelos outros que se foram. Assim, é no seu apartamento – na rua Murillo até 1875 e, depois, na rua Faubourg Saint-Honoré – que Maupassant conhece os maiores escritores e críticos da época: Taine, Edmond de Goncourt, Zola, Tourguéniev, Daudet, e outros. Em

⁵ A expressão origina-se de um fato trágico da história da marinha francesa. Em 1816, a fragata *La Méduse*, sob as ordens do comandante Hugues Duroy de Chaumareys, leva o futuro governador do Senegal, cientistas, soldados e colonos em direção ao Senegal. Um motim, encabeçado por dois tenentes, provoca o encalhamento do navio no Banco de Arguim, a 160 km da costa da Mauritânia. As operações de resgate acabam mal. 149 marinheiros e soldados, que não cabem nas embarcações de salvamento, sobem em uma jangada de 20 metros de comprimento e 7 de largura, com pouca comida. Quando a corda que a amarra às outras canoas se rompe, o comandante deixa a jangada e seus passageiros à deriva. Após 13 dias, a jangada é encontrada com apenas 15 sobreviventes, dos quais 5 morrem nos dias seguintes. O pintor Théodore Géricault (2011) immortalizou o acontecimento em 1819 com o famoso quadro intitulado “*Le radeau de la Méduse*”.

novembro de 1875, o carinho paternal acompanha o convite: “*Mon petit père, il est bien convenu, n’est-ce pas, que vous déjeunez chez moi tous les dimanches de cet hiver. Donc à dimanche et à vous.*” (FLAUBERT, 1875a, carta 1562) Em agosto de 1876, Flaubert envia um novo convite, desta vez, da outra residência de Flaubert, em Croisset:

Dans huit ou dix jours j’aurai fini mon perroquet. Je suis impatient de vous le lire. Tâchez de venir à Croisset avant le commencement de septembre. Vous y coucherez (j’ai cinq lits à votre disposition!) il se pourrait que je m’absentasse dès les derniers jours d’août. Dans ce cas-là je vous prévienrais. (FLAUBERT, 1876f, carta 1600).

Ao convocar Maupassant para “ouvir” sua obra mais recente, *Le Perroquet*, Flaubert cuida da educação do pupilo que se torna aos poucos um interlocutor requisitado para discutir a literatura e a arte de escrever. Os convites ao discípulo são sempre redigidos de forma que uma recusa é quase impossível: “*C’est convenu, n’est-ce pas. Inutile de me répondre, mon bon! Samedi vers 9 heures et demie, je vous verrai apparaître dans mon logis. Nous dînerons ensemble.*” (FLAUBERT, 1876e, carta 1607). Com o tempo, a amizade cresce e os convites são dirigidos apenas a Maupassant, a presença de outro representando um empecilho para as confidências. Em 8 de outubro de 1879, Flaubert avisa o amigo: “*À la fin de ce mois, c’est-à-dire à la Toussaint même, Heredia doit venir; nous ne nous verrions pas librement. Donc, venez soit de dimanche en quinze, ou le dimanche qui suivra celui de la Toussaint.*” (FLAUBERT, 1879c, carta 1894). À medida que os sentimentos se aprofundam e o tempo passa, a formulação dos convites é cada vez mais informal: “*C’est convenu. De samedi prochain en quinze je verrai votre chère binette. J’en ai à vous dégoïser.*” (FLAUBERT, 1879b, carta 1903).

Com os encontros frequentes e os conselhos nas cartas, os ensinamentos de Flaubert vão surtindo efeitos. Maupassant escreve e todos seus textos passam pelo crivo do mestre. Flaubert lê tudo com atenção. Tais quais os convites, as críticas são curtas, pontuais, inseridas no meio de uma multidão de outras informações. Um dos primeiros textos de Maupassant comentados por Flaubert foi publicado em 22 de outubro de 1876 no jornal *La République des Lettres* e se intitula “*Gustave Flaubert*”. Três dias depois, Flaubert tem o prazer de agradecer seu discípulo por suas palavras que tocaram a ele e a sua sobrinha.

Merci pour votre article, mon cher ami. Vous m’avez traité avec une tendresse filiale. Ma nièce est enthousiasmée de votre oeuvre. Elle trouve que c’est ce qu’on a écrit de mieux sur son oncle. Moi, je le pense, mais je n’ose pas le dire. Seulement le talmud est de trop; je ne suis pas si fort que ça! (FLAUBERT, 1876c, carta 1614).

Modesto, é com bom humor que Flaubert nega a informação dada por Maupassant em seu artigo: “*Il possède le Talmud comme un rabbin; les Évangiles comme un prêtre; la Bible comme un protestant; le Coran comme un derviche. Il sait l’enchaînement des croyances, des philosophies, des religions et des hérésies.*” (MAUPASSANT, 1876b). É interessante notar que o mestre só negou conhecer a história do judaísmo. No que concerne ao resto do artigo, aceita de bom grado os elogios, sobretudo porque foram escritos por Maupassant “com uma ternura filial” e são bem escritos, o que é ainda o mais importante para o mestre.

Geralmente, ao falar de suas impressões quanto aos textos de seu discípulo, Flaubert segue um mesmo ritual. Primeiro, elogia e, logo depois, levanta algumas críticas, fechando sua avaliação com novas palavras de satisfação pessoal ou de encorajamento. Em 17 de janeiro de 1877, Maupassant publica um artigo intitulado “*Les poètes français du XVIe siècle*” no jornal *La Nation* (MAUPASSANT, 1877). No mesmo dia, Flaubert lhe manda um bilhete dizendo: “*Je trouve très bien votre article sur la poésie française. Cependant j’aurais voulu un peu plus d’éloge de Ronsard. Je vous dirai en quoi je trouve que vous ne lui rendez peut-être pas une justice suffisante. Mais encore une fois je suis très content de vous.*” (FLAUBERT, 1877c, carta 1638). Dois anos depois, no dia 19 de fevereiro de 1879, a peça de teatro de Maupassant *L’Histoire du vieux Temps* estréia e é aclamada. Flaubert não pôde ir à representação e, no mesmo dia, cobra notícias da recepção. “*Donc j’attends: 1° un mot sur votre pièce pour savoir si elle a réussi; 2° votre ‘appréciation’ et 3° le résultat de votre visite à B. Tout cela presse.*” (FLAUBERT, 1879h, carta 1812). Dois dias depois, mostra-se impaciente com a falta de notícias: “*Pas de nouvelles de votre pièce au bout de 48 heures! ça m’embête. Je comptais sur Caroline pour m’en donner. Néant! Sans doute, elle a la migraine.*” (FLAUBERT, 1879g, carta 1813). Termina a missiva com uma recomendação: “*Gardez-moi les journaux sur votre pièce.*” (FLAUBERT, 1879g, carta 1813) Nesse caso, vê-se que o mestre não se limita à correção dos textos de Maupassant, acompanha o processo de criação até a recepção da obra pela crítica oficial. Uma semana depois, a alegria de Flaubert manifesta-se logo no cabeçalho destacado em letras maiúsculas, “*MON CHER AMI*”. (FLAUBERT, 1879f, carta 1817). Responde a uma carta de Maupassant escrita no dia anterior (MAUPASSANT, 1879, carta 126), em Paris, em 26 de fevereiro de 1879 e, logo no início, retrata-se, agradece e justifica suas atitudes por um excesso de preocupação para com seu aluno e sua obra:

Je retire mes malédictions. Merci de la visite à Baudry. Ce n'était pas de son résultat que j'étais inquiet, mais de vous, de votre pièce. Je voulais avoir des détails vrais.

Enfin, tout a réussi! Ce qui est fort heureux pour l'avenir. Maintenant, on lira vos manuscrits. Quant aux petites perfidies, vous en verrez bien d'autres. Il faut s'y résigner. (FLAUBERT, 1879f, carta 1817).

No final das contas, Flaubert está satisfeito. Não cumprimenta Maupassant efusivamente sobre o sucesso da peça, mas lhe anuncia um futuro promissor. Na hora em que Flaubert diz “*Maintenant, on lira vos manuscrits*”, parece dar uma carta de alforria a Maupassant, já que, no início de tudo, fez seu discípulo prometer não publicar nada, até ter a certeza de que o texto fosse publicável, ou ainda, até dominar a arte de escrever, o que representou quase uma década de aprendizagem.

Dois anos depois, a crítica a respeito de uma obra de fôlego maior, *Vénus rustique*, é ainda mais elogiosa: “*C'est très bien votre Vénus. Je n'y vois rien à reprendre que deux petites incorrections grammaticales, mais elles peuvent se défendre. Dormez sur vos deux oreilles. C'est bon.*” (FLAUBERT, 1879a, carta 1910). Certa vez, o mestre aponta mais os problemas, como na carta de 13 de janeiro de 1880, na qual comenta o texto “*Le mur*”, um poema publicado em *La Revue moderne*: “*Quant à votre 'Mur', plein de vers splendides, il y a des disparates de ton. Ainsi le mot bagatelle vous verse une douche glacée. L'effet comique arrive trop tôt. Mais admettons que je n'aie rien dit; il faut voir l'ensemble [...]*” (FLAUBERT, 1880h, carta 1930). Dez dias depois, dirige-se a Maupassant com extremo carinho, “*Mon chéri*”, para o cumprimentar com poucas palavras sobre a escolha do título do último texto: “*Le titre est bon! 'Des vers, par G. de M***'. Gardez-le...*” (FLAUBERT, 1880g, carta 1933).

Contudo, a mesma obra vai provocar a única carta que destoa do conjunto pela crítica aberta e totalmente negativa de Flaubert. Em um domingo de fevereiro ou de março de 1880, sem titubear, Flaubert comunica a Maupassant o que pensa de uma das poesias do livro em questão: “*Maintenant causons de Désirs. Eh bien! mon jeune homme, la dite pièce ne me plaît pas du tout. Elle indique une facilité déplorable.*” (FLAUBERT, 1880d, carta 1961). A partir daí, arrola tudo o que justifica sua opinião e lista uma série de pormenores que apontam para a banalidade do estilo, o uso de chavões, a falta de composição, as incoerências nas descrições. Os adjetivos para caracterizar as escolhas de Maupassant – “deplorável”, “cômico”, “atroz” – encaminham para a sentença final: “*En somme, je t'engage à supprimer cette pièce. Elle n'est pas à la hauteur des autres. Là-dessus ton vieux*

t'embrasse. Sévère, mais juste!" (FLAUBERT, 1880d, carta 1961). Obviamente, Maupassant não seguiu os conselhos do mestre pois a poesia foi publicada no mesmo ano no livro *Des Vers*.

Felizmente, essa severidade não é muito recorrente e, de modo geral, as críticas, bem menos arrasadoras, vêm acompanhadas de palavras de incentivo. Ademais, Maupassant sabe que está ouvindo um mestre da literatura. Por isso, aceita as sugestões e críticas de bom grado, com humildade, sobretudo no início da aprendizagem. Assim, no final de 1874, Maupassant escreve a Flaubert: "*J'ai recopié hier soir mon Histoire du vieux temps [...] J'ai fait tous les changements que vous m'aviez indiqués. Et j'ai enlevé 5 pages au commencement.*" (MAUPASSANT, 1876a, carta 53). As críticas de Flaubert concernem a todos os textos de seu aluno: peças de teatro curtas, versos, artigos que Maupassant escreve para os jornais com os quais colabora, até ser um escritor famoso e viver de sua arte. O sentimento de Flaubert para com o mundo da imprensa, assim como com o mundo do teatro, é bastante conhecido entre seus estudiosos. As cartas enviadas a Maupassant não deixam dúvidas quanto a isso.

Em 23 de julho de 1876, a publicação de um artigo de jornal envolvendo o nome de seu amigo Renan deixa Flaubert indignado e esse não esconde seus sentimentos quando se refere aos responsáveis pelo acontecimento com muita revolta e certo desdém⁶. O conselho dado a Maupassant, antes de passar para outro assunto, soa como uma sentença final e uma decisão irrevogável:

Je ne veux plus avoir rien de commun avec ces petits messieurs-là. C'est de la très mauvaise compagnie, mon cher ami, et je vous engage à faire comme moi, à les lâcher franchement. Catulle va sans doute me répondre, mais mon parti est bien pris, bonsoir! Ce que je ne pardonne pas, c'est la basse envie démocratique. (FLAUBERT, 1876i, carta 1597).

O fato parece ter sido marcante para Flaubert, a tal ponto que vai falar do assunto com outros correspondentes. Na verdade, antes mesmo de escrever a Maupassant, Flaubert escreveu para Zola⁷, no mesmo dia, de manhã. Dois dias depois, escreve também à princesa Mathilde⁸ e, no final do mesmo mês,

⁶ Imagina-se como esse artigo deve ter 'exasperado' Flaubert, grande admirador de Renan. Basta reler as últimas palavras de uma carta que ele manda ao crítico, datada de 19 a 26 de maio de 1876. Após tecer vários elogios sobre um livro que Renan lhe mandou - *Dialogues philosophiques*, escreve ele: "*Je vous aime pour votre grand esprit, pour votre grand style, pour votre grand coeur. Vous m'avez honoré en citant mon nom au seuil de votre livre et plus que jamais je me sens fier d'être votre ami.*" (FLAUBERT, 1876k, carta 1577).

⁷ Conferir a carta a Emile Zola. 23 de julho de 1876, carta 1596 (FLAUBERT, 1876j).

⁸ Conferir a carta à princesa Mathilde. 25 de jul. de 1876, carta 1598 (FLAUBERT, 1876h). A princesa Mathilde, prima de Napoleão III, tem um dos salões literários de Paris mais freqüentados da época.

manda uma carta a outra conhecida, Madame Roger des Genettes.⁹ Em todas essas cartas, as palavras são praticamente as mesmas no relato objetivo dos fatos, o que muda, é o tom. A repetição de trechos longos em cartas dirigidas a diferentes correspondentes já foi observada por Claudine Gothot-Mersch no artigo “*Flaubert dans les lettres de la cinquantaine*”:

Les répétitions deviennent nombreuses, d'un correspondant à l'autre: cruauté d'une correspondance générale, qui juxtapose des lettres dont l'auteur n'imaginait pas qu'on pourrait un jour les comparer...

Ces répétitions sont intéressantes à plus d'un titre. D'abord, elles mettent en évidence le côté phatique de la lettre chez Flaubert (signalé aussi par A. Jourachkovitch): elle a partiellement pour objet de maintenir le contact avec les amis et connaissances. Le cercle s'en étant agrandi, recopier les récits, les réflexions, est une manière de ne pas consacrer à la correspondance un temps démesuré (mais ce qu'il gagne d'un côté, Flaubert le perd un peu de l'autre, car s'il entretient ainsi ses relations avec beaucoup de monde, qualitativement disparaît le côté personnel d'une lettre où l'on confie à un interlocuteur particulier quelque chose qui lui est particulièrement destiné).

La répétition d'un passage a d'autre part l'intérêt de nous montrer que l'écriture de la correspondance peut être l'objet d'un véritable travail littéraire: il arrive qu'une lettre soit, pour ainsi dire, le brouillon de la suivante. (GOTHOT-MERSCH, 2001, p.2).

De passagem, fica registrada aqui a idéia de um trabalho crítico que confrontaria as quatro cartas nas quais Flaubert alude ao artigo sobre Renan publicado no jornal *La République des Lettres* contra Renan. Flaubert põe um fim à história do artigo um mês depois, em agosto de 1876, em um tom incisivo:

*L'article sur Renan n'a pour moi aucune importance, mais j'ai été indigné de la basse envie démocratique qui en transsude. En effet, il fallait plaire à **son** public.*

Conclusions: s'écarter des journaux! La haine de ces boutiques-là est le commencement de l'amour du beau. Elles sont par essence hostiles à toute personnalité un peu au-dessus des autres. L'originalité, sous quelque forme qu'elle se montre, les exaspère. Je me suis fâché avec la Revue de Paris et je me fâche avec la République des Lettres. Afin de continuer mes relations avec Lapierre, je ne lis pas le Nouvelliste. Jamais de la vie aucun journal ne m'a rendu le plus petit service. On n'a pas reçu les romans que j'y recommandais, ni inséré la moindre des réclames sollicitées pour des amis, et les articles qui m'étaient favorables ont

Flaubert, Maupassant Marcel Proust, Pierre Loti, Hippolyte Taine, Ernest Renan, Anatole France..., todos vão conversar de arte em seu hotel da rua de Courcelles ou em sua casa de verão em Saint-Gratien. Uma das visitas de Flaubert é relatada pelo conde Joseph Primoli em “*Gustave Flaubert chez la princesse Mathilde. Souvenir d'une soirée à Saint-Gratien*”. Confira Primoli (1927).

⁹ Conferir a carta a Madame Roger des Genettes. Final de julho de 1876, carta 1599 (FLAUBERT, 1876g).

passé malgré la direction des dites feuilles. Entre ces messieurs et moi, il y a une antipathie de race profonde. Ils ne le savent pas; moi je le sens bien. En voilà assez sur ces misérables. (FLAUBERT, 1876f, carta 1600, grifo do autor).

Seu discurso não deixa nenhuma dúvida quanto a seu sentimento para com os jornais, em particular, os jornalistas: primeira e principalmente, porque, na sua visão, esses profissionais desconhecem ou rejeitam conceitos artísticos como o belo e a originalidade, ambos os conceitos na base da estética do autor. Em segundo lugar, porque julga não estar devendo absolutamente nada aos jornalistas e/ou jornais, bem ao contrário. Em um estilo objetivo e categórico, quase telegráfico, revela sua relação com os jornais. As palavras se juntam para recriar a animosidade de Flaubert: ódio hostilidade, exasperação, antipatia. O seu desdém traduz-se na escolha da palavra “boutiques”, termo carregado de uma conotação pejorativa rebaixando os jornais a negócios, quase escusos. Enfim, apoiado no conceito científico de raça, Flaubert declara com altivez sua antipatia e sua decisão de não mais falar disso, alfinetando mais uma vez os jornalistas ao chamá-los de “miseráveis”.

A intransigência na defesa de seus princípios e a decisão de nunca publicar nada em jornais não o impedem de ajudar Maupassant a entrar no *La Nation*. Sabe que esse trabalho é essencial para o rapaz se sustentar e, apesar de sua antipatia profunda pelos jornais, faz de tudo para vê-lo escrever críticas literárias. A contratação do jovem escritor por Raoul Duval, diretor do jornal em questão, leva Flaubert a gastar muita tinta: com o próprio Maupassant, com quem troca informações ao longo de várias cartas, e com outros correspondentes, a quem escreve cartas de recomendação e de solicitação. A primeira carta em que aparece o nome de Raoul Duval data de setembro de 1876 e é cheia de esperança: “*Raoul Duval m'a répondu ce matin. Je crois qu'il y aura moyen de vous introduire dans sa feuille.*” (FLAUBERT, 1876e, carta 1607). Em 11 de setembro de 1876, escreve a Carolina: “*Je re-suis en correspondance avec Raoul Duval au sujet de Guy, qui désire faire le feuilleton dramatique dans la Nation, et je le verrai prochainement soit ici, soit à Croisset. Dans le courant du mois prochain j'y aurai un dimanche la visite de Guy.*” (FLAUBERT, 1876d, carta 1608). No mesmo mês, mostra-se ainda mais animado. Parece convencido de que Maupassant obterá o cargo e aproveita a ocasião para orientá-lo sobre os passos a seguir, aproveitando a ocasião para alfinetar a inteligência do diretor:

Si vous lui proposiez, de vous-même, un travail, vous lui épargneriez la peine de réfléchir, et ça irait peut-être plus vite.

On n'a pas fait l'histoire de la critique moderne, c'est une matière fertile. Prendre, par exemple, Planche, Janin, Théo, etc., rien que les morts et analyser leurs idées, leur poétique ou bien creuser la question de "L'Art pour l'Art", ou bien celle de la féerie. Aucune étude, pas même une tentative d'étude n'a été faite sur l'oeuvre immense de George Sand. Il y aurait un beau parallèle à faire avec celui de Dumas, le roman d'aventure et le roman d'idées.

Enfin, mon bon, si vous entrez à la Nation, je voudrais vous y voir débiter par quelque chose qui puisse tirer l'oeil.

Peut-être une blague à fond de train, enfin cherchez! (FLAUBERT, 1876b, carta 1615, grifo do autor).

Parece-me que o último desejo não se limita a ver Maupassant contratado pelo jornal, nem a vê-lo escrever artigos literários como os outros – que Flaubert arrasa em suas críticas esparsas em sua correspondência geral. Seu pupilo é gentilmente intimado a se destacar logo em sua estréia como cronista do jornal, até para mostrar que os anos de formação já estão produzindo efeitos. O sucesso de Maupassant nessa empreita significa para Flaubert a concretização de alguns anos de dedicação. A partir de então, a esperança se reveza várias vezes com o desânimo e a leitura das cartas revela todos os passos de Flaubert para seu protegido obter o emprego. Assim, na carta de 25 de outubro de 1876, avisa a Maupassant:

Pas plus tard qu'hier, j'étais au Vaudreuil et j'ai parlé pour vous à Raoul-Duval. Le sire qui fera les théâtres se nomme Noël, ou mieux: Nouhel? Personnage inconnu et qui probablement ne restera pas. J'ai demandé à Raoul-Duval de vous prendre à l'essai, c'est-à-dire de vous faire faire deux ou trois comptes rendus de livres. Ce qu'il a accepté. Donc, dès que les chambres seront ouvertes, je vous enverrai pour lui une lettre d'introduction. C'est convenu. J'ai été dans cette recommandation très secondé par Mme Lapierre. Toujours les femmes, petit cochon! (FLAUBERT, 1876c, carta 1614).

Se Flaubert mantém Maupassant informado de seus passos, ele também cobra notícias do seu correspondente, como na ocasião em que manda seus votos para o natal do mesmo ano: “*Eh bien! Et vous, quoi de neuf? L'affaire de la Nation s'emboîte-t-elle?*” (FLAUBERT, 1876a, carta 1627). O caso, de fato, se alonga e se Flaubert está sempre disposto a aconselhar, com o tempo, demonstra em sua fala certa irritação, diante de tantas dificuldades. O conselho ressoa mais como um ultimato: “*Moi, à votre place, voici ce que je ferais: j'irais franchement chez Duval, et lui dirais tout ce que vous m'écrivez. En lui faisant comprendre que vous ne pouvez pas continuer à perdre ainsi votre temps.*” (FLAUBERT, 1877d, carta 1635, grifo do autor) e, implicitamente, o tempo de Flaubert. Após essa carta, não há mais nenhuma referência ao episódio.

Completando essas observações sobre os elementos relativos à formação de Maupassant nas cartas, parece-me que o retrato epistolar do mestre que surge nas cartas inclui-se nos gestos que colaboram com a aprendizagem do discípulo. Ver Flaubert trabalhando é uma forma de aprender, ainda mais porque o mestre não economiza pormenores nos seus relatos. Felizmente, pois o leitor de hoje se defronta com uma espécie de diário de sua vida de escritor. Em uma das primeiras cartas, em 23 de julho de 1876, Flaubert está em Croisset, a casa onde se refugia para escrever, e narra seu cotidiano em apenas um parágrafo.

Quant à moi je travaille avec violence, ne voyant personne, ne lisant aucun journal, et gueulant dans le silence du cabinet comme un énergumène. Je passe toute la journée et presque toute la nuit courbé sur ma table et j'admire assez régulièrement le lever de l'aurore. Avant mon dîner, vers 7 heures, je batifole dans les ondes bourgeoises de la Seine. Je ne défume pas, j'en ai même l'intérieur du bec avarié, me portant du reste comme un charme. (FLAUBERT, 1876i, carta 1597).

Isolamento total, dedicação integral, ritmo alucinante de trabalho, quebrado apenas por um momento de relaxamento descomprometido no rio Sena, antes de jantar. Nessa visão do cotidiano de Flaubert, a imagem do autor “bradando” – que um leitor desavisado poderia interpretar como um sinal de loucura devido ao trabalho extenuante – revela-se, na verdade, um ato essencial no processo criativo de Flaubert. Maupassant se refere a esse mesmo fato na crônica “*Souvenirs d'un an*” publicada no jornal *Le Gaulois* de 23 de agosto de 1880, quando descreve Flaubert na mesa onde ele trabalha todo dia:

Il travaille avec une obstination féroce, écrit, rature, recommence, surcharge les lignes, emplit les marges, trace des mots en travers, et sous la fatigue de son cerveau il geint comme un scieur de long.

Quelquefois, jetant dans un grand plat de cuivre oriental, rempli de plumes d'oie soigneusement taillées, la plume qu'il tient à la main, il prend sa feuille de papier, l'élève à la hauteur du regard, et, s'appuyant sur un coude, déclame d'une voix mordante et haute. Il écoute le rythme de sa prose, s'arrête comme pour saisir une sonorité fuyante, combine les tons, éloigne les assonances, dispose les virgules avec science, comme les haltes d'un long chemin: car les arrêts de sa pensée, correspondant aux membres de sa phrase, doivent être en même temps les repos nécessaires à la respiration. (MAUPASSANT, 1880).

Quatro anos depois, no estudo que serve de prefácio à edição das cartas de Flaubert a George Sand, Maupassant repete esse mesmo trecho – quase idêntico – acrescentando uma citação de Flaubert que explicita ainda mais o sentido de “*gueuler*”:

Une phrase est viable, disait-il, quand elle correspond à toutes les nécessités de la respiration. Je sais qu'elle est bonne lorsqu'elle peut être lue tout haut.

Les phrases mal écrites, écrivait-il dans la préface des Dernières Chansons de Louis Bouilbet, ne résistent pas à cette épreuve; elles oppriment la poitrine, gênent les battements du cœur et se trouvent ainsi en dehors des conditions de la vie. (MAUPASSANT, 1884).

Segundo o crítico literário Thibaudet (2007, p.254), “[...] devant les autres, Flaubert lisait mal, mais, dans le travail du cabinet, il lui fallait faire passer plusieurs fois ses phrases par l'épreuve sonore. Il est le seul des prosateurs du XIX^e siècle dont le style ait eu besoin de ce contact dernier avec la parole.” A leitura serve para testar sua obra como a de outros. Na verdade, Flaubert adora ler para seus amigos, não somente seus textos, como também os de outros nomes da literatura francesa. Lê ou até mesmo declama de cor nos domingos em Croisset com seus amigos. Maupassant lembra-se das sessões de leitura em um tom admirativo e saudosista:

Il avait pour les grands écrivains français une admiration frénétique; il possédait par cœur des chapitres entiers des maîtres, et il les déclamaient d'une voix tonnante, grisé par la prose! faisant sonner les mots, scandant, modulant, chantant la phrase. Des épithètes le ravissaient: il les répétait cent fois, s'étonnant toujours de leur justesse, et déclarant: “Il faut être un homme de génie pour trouver des adjectifs pareils.” (MAUPASSANT, 1876b).

Voltando às cartas de Flaubert a Maupassant, observa-se que o relato de seus dias dedicados à literatura vem acompanhado da expressão de seus estados de alma durante o processo de criação. Assim, em uma relação de cumplicidade com o amigo e discípulo, confessa sem pudor a dificuldade de escrever, o desespero revezando com a exaltação. A luta com as palavras em nome de um estilo puro é invariavelmente evocada como algo sofrido. Volta e meia, ao escrever a Maupassant, Flaubert alude à idéia de sacrifício do artista, outro gesto que faz parte de seus ensinamentos.

A palavra mais uma vez não é exagerada. Trata-se, de fato, de se dedicar inteiramente à arte. Basta reler com atenção as missivas de Flaubert para acompanhar seu trabalho e, ao mesmo tempo, o andamento da obra. Regularmente, o escritor parece dar satisfação de sua obra a seu aluno, informando-o, com certa precisão, em que pé se encontra a obra em curso: por exemplo, em julho de 1878, cita os temas dos capítulos em que está trabalhando: “*C'est la grammaire française qui m'occupe.*” (FLAUBERT, 1878e, carta 1740). Um mês depois, em 15 de agosto, está ainda na etapa da preparação: “*Bouvard et Pécuchet continuent leur petit bonhomme de chemin. Maintenant je prépare le chapitre de la politique.*

J'ai à peu près pris toutes mes notes; depuis un mois je ne fais pas autre chose et dans une quinzaine j'espère me mettre à l'écriture." (FLAUBERT, 1878d, carta 1746). Depois seguem a metafísica, o magnetismo, a filosofia, a religião, a moral e a educação, só para lembrar alguns dos capítulos do romance inacabado, que Flaubert vai organizando com a mesma precisão.

Ao mesmo tempo em que fala do tema, descreve os prazos cumpridos e previstos para a redação desses capítulos. Prevê um termo para o capítulo da gramática: "*Bref, j'espère avoir fini mon chapitre V (égal la littérature), à la fin de juillet, et alors je serai à la moitié de mon livre.*" (FLAUBERT, 1878e, carta 1740, grifo do autor). Constata-se que o escritor não consegue cumprir o prazo estipulado aqui por pouco, pois, em dezembro, diz ele: "[...] *j'ai fini mon chapitre. En voilà trois d'expédiés depuis six mois. Encore trois à faire! Donc j'entrevois la fin.*" (FLAUBERT, 1878b, carta 1776). Novamente, a satisfação de ver parte da obra feita e a vontade de programar o que vem pela frente.

O compromisso de Flaubert com a obra existe e é concreto. Ele tem uma tarefa para realizar e se, em certos momentos, o escritor parece estar contando os dias para se livrar dela – por conta do cansaço físico –, há também os momentos de satisfação. Em 28 de julho de 1874, anuncia a Maupassant o início da redação de *Bouvard et Pécuchet*, e confessa sem pudor uma excitação igual àquela que sente antes de uma viagem distante e demorada. "*Je serai revenu à Croisset vendredi soir, et samedi je commence Bouvard et Pécuchet! J'en tremble, comme à la veille de m'embarquer pour un voyage autour du monde!!! Raison de plus pour nous embrasser.*" (FLAUBERT, 1874, carta 1479).

A comparação entre a experiência da escrita com a da viagem ao redor do mundo sugere a excitação de Flaubert quando começa uma obra nova. Excitação diante do desconhecido e do desejado que o escritor quer comunicar ao vivo para compartilhar a emoção. A amizade justifica sua vontade de abraçar Maupassant, o amigo capaz de entender a emoção do mestre no momento tão especial da criação flaubertiana. Sabe-se que Flaubert vive para a arte e não teme sacrificar nada em seu nome. No final de abril de 1879, não hesita, por exemplo, em abrir mão de uma viagem a Paris para permanecer em Croisset e acabar um capítulo. "*Vous ne me verrez pas avant le 20 mai. Je veux, avant d'aller à Paris, en avoir fini avec le magnétisme, c'est-à-dire être à la moitié de mon chapitre. Mais irai-je à Paris? Franchement, rien ne m'y attire, sauf vous, mon cher Guy.*" (FLAUBERT, 1879d, carta 1845). Nem mesmo a relação de carinho que une os dois, e que Flaubert invariavelmente cita, desvia o escritor de sua pluma.

Tudo é bem planejado dentro de um cronograma que prevê várias fases do processo, fases que aparecem de relance nas cartas. A primeira etapa consiste em leituras preliminares à escrita. Por isso, em vários bilhetes e cartas, Flaubert pede e/ou comenta livros que, de alguma forma, vão embasar sua própria escrita. Em 15 de janeiro de 1879, escreve: “*Je continue à faire de la métaphysique, et mon chapitre se dessine. Hier j’ai fini la lecture du Catéchisme de persévérance par l’abbé Gaume. C’est inouï d’imbécillité. Et l’Encyclique du Saint-Père, qu’en dites-vous?*” (FLAUBERT, 1879i, carta 1788). Vale notar que essa última pergunta evidencia a presença de um diálogo epistolar em que a relação entre mestre e discípulo, baseada inicialmente em uma relação de autoridade, é complementada por uma troca de igual para igual. Porém, Flaubert é antes de tudo o mestre e não hesita em ser muito crítico para que o aprendiz perceba que ao artista, – de certa forma, nato, predestinado, escolhido – cabe trabalhar. Em agosto de 1878, responde a uma carta que Maupassant lhe enviou para se queixar da vida, apostando mais uma vez na arte e resumindo em algumas linhas sua filosofia de vida.

Enfin, mon cher ami, vous m’avez l’air bien embêté et votre ennui m’afflige, car vous pourriez employer plus agréablement votre temps. Il faut, entendez-vous, jeune homme, il faut travailler plus que ça. J’arrive à vous soupçonner d’être légèrement caleux. Trop de p...! Trop de canotage! Trop d’exercice! Oui, monsieur! Le civilisé n’a pas tant besoin de locomotion que prétendent messieurs les médecins. Vous êtes né pour faire des vers, faites-en! “Tout le reste est vain”, à commencer par vos plaisirs et votre santé; f... vous cela dans la boule. D’ailleurs votre santé se trouvera bien de suivre votre vocation. Cette remarque est d’une philosophie, ou plutôt d’une hygiène profonde.

Vous vivez dans un enfer de m..., je le sais, et je vous en plains du fond de mon coeur. Mais de 5 heures du soir à 10 heures du matin tout votre temps peut être consacré à la muse, laquelle est encore la meilleure garce. Voyons! Mon cher bonhomme, relevez le nez! à quoi sert de recreuser sa tristesse? Il faut se poser vis-à-vis de soi-même en homme fort; c’est le moyen de le devenir. Un peu plus d’orgueil, saprelotte! Le “Garçon” était plus crâne. Ce qui vous manque, ce sont les “principes”. On a beau dire, il en faut; reste à savoir lesquels. Pour un artiste, il n’y en a qu’un: tout sacrifier à l’Art. La vie doit être considérée par lui comme un moyen, rien de plus, et la première personne dont il doit se f..., c’est de lui-même. (FLAUBERT, 1878d, carta 1746, grifo do autor).

Contudo, o discípulo não é o mestre e se Maupassant assimila os ensinamentos, nem por isso está disposto a se sacrificar. Não possui a disciplina necessária para isso, nem os meios financeiros. O próprio Flaubert admite que o trabalho de burocrata representa um empecilho na carreira de escritor. Em abril de 1879, lamenta a sorte de seu aluno: “[...] *mon pauvre cher bougre, que je vous plains de n’avoir pas le temps de travailler! comme si un bon vers n’était pas cent mille*

fois plus utile à l'instruction du public que toutes les sérieuses balivernes qui vous occupent!" (FLAUBERT, 1879d, carta 1845, grifo do autor). Alguns anos antes, na noite de 23 de julho de 1876, Flaubert, preocupado com o ritmo de trabalho do aluno, manda-lhe uma carta mais extensa do que a maioria das missivas. Nela, dispensa qualquer saudação para logo declarar sua felicidade diante das notícias que recebeu de Maupassant – “*Votre lettre m'a réjoui, jeune Homme!*” – mas, uma linha abaixo, vem o “porém”, seguido do conselho em nome da literatura. “*Mais je vous engage à vous modérer, dans l'intérêt de la littérature. [...] Prendre garde! Tout dépend du but que l'on veut atteindre. Un homme qui s'est institué artiste n'a plus le droit de vivre comme les autres [...]*” (FLAUBERT, 1876i, carta 1597). Quem conhece a biografia de Maupassant logo imagina a que Flaubert se refere ao lhe falar de moderação: à vida prazerosa de Maupassant, em especial, à sua própria vida amorosa. Porém, com o corte do texto original na edição Conard¹⁰, a moderação não aponta para nenhuma esfera em particular.

Porém, descobri, ao consultar outros estudos sobre a edição da correspondência de Flaubert, o que os colchetes escondiam. O teor da fala de Flaubert dificilmente poderia ter escapado à censura da família. Não há mais ambigüidade no que se refere ao conselho de “se moderar” e essa conversa só poderia acontecer entre duas pessoas muito íntimas em um espaço reservado.

*Votre lettre m'a réjoui, jeune Homme! Bien qu'elle ne m'ait causé, contrairement à vos aimables intentions, aucune envie de masturbation. – A mon âge, on est plus calme qu'au vôtre hélas! ou tant mieux? Mais je vous engage à vous modérer, dans l'intérêt de la littérature. Quand on vit trop dans les cons on risque d'en devenir un, soi-même. Prendre garde! – Tout dépend du but que l'on veut atteindre. Un homme qui s'est institué artiste n'a plus le droit de vivre comme les autres.*¹¹

¹⁰ Os cortes nas cartas de Flaubert, segundo o especialista Yvan Leclerc (2008), “[...] s'expliquent par la censure opérée par la nièce de Flaubert, Caroline Commanville puis Franklin Grout, son héritière testamentaire qui, jusqu'à sa mort en 1931, contrôle la publication. Elle supprime tout ce qui touche aux difficultés financières liées à la faillite de son mari, les confidences trop intimes, les mots trop crus, les trivialités de la vie quotidienne. Elle obéit ainsi aux convenances de l'époque, au respect de la vie privée, à l'idée que l'on se fait du grand écrivain qui doit toujours le rester, même dans le privé de ses lettres. Les flaubertiens lui en ont voulu, mais elle se conformait à une pratique générale en son temps.”

¹¹ O texto da carta original consta na seção **Ventes** do site universitário de Rouen. A carta original, sem a censura, foi posta à venda, em 2008, por 7.000/8.000 euros, conforme registrado no *Bulletin Flaubert* n.102, de 10 mars 2008. Confira *Bulletin Flaubert* (2008). Aliás, vale destacar a dificuldade de se traduzir o aviso, com certo ar de aforismo, que Flaubert dá a Maupassant: “*Quand on vit dans les cons on risque d'en devenir un, soi-même.*” A ironia reside no uso duplo da palavra “cons” que, em francês, tem dois sentidos: na origem, a palavra – um substantivo – designa os órgãos genitais da mulher; em certas frases, pode, em um uso metafórico, designar as relações sexuais. A outra acepção da palavra, na época de Flaubert, deriva do sentido original. Mudando de categoria gramatical – “con” nesse sentido é adjetivada –, assume um sentido figurado e depreciativo. Xingar alguém de “con” é chamá-lo de idiota, em um registro vulgar que ficou vetado da carta editada pela Conard.

Sabe-se do que Flaubert está falando. A expressão “*le sacré insexué*”, criada por ele mesmo, encarna-se na figura do Artista e de seu misticismo estético que passa pela abstinência sexual, questão analisada pelo crítico Yvan Leclerc no artigo, “*Sacralisation et désacralisation du sexe chez Flaubert*”.

Le sexe de l'Artiste n'est pas le sexe de l'homme ou de la femme. Il faut même s'en "dépouiller", dit Flaubert, pour devenir Artiste. La théorie de l'impersonnalité s'étend jusque dans l'intimité du créateur: pour peindre la luxure, il vaut mieux être chaste (Baudelaire soutient un semblable paradoxe au même moment). À l'ami Feydeau, Flaubert écrit: "Ta sacrée queue te mènera au tombeau, mon bonhomme. [...] Mais, misérable, si tu répands ainsi toujours ton foutre, il ne t'en restera plus pour mettre dans ton encrier. C'est là (l'encrier) le vrai vagin des gens de lettres." (LECLERC, 2002).

A fala de Flaubert não tem o peso suficiente para convencer Maupassant a sacrificar sua vida íntima em nome da arte, porém continua assumindo seu papel de mestre “severo, porém justo”. Além de reafirmar em vários momentos a necessidade de dedicar exclusivamente à escrita, aproveita o bilhete ou a carta para recomendar ao aluno a leitura de obras contemporâneas e clássicas. No segundo bilhete da edição Conard, datado de 20 de junho de 1873, Flaubert deixa, como em um *post-scriptum*, uma dica de leitura. “*Lisez, dans le dernier volume de Tourgueneff, Histoires étranges, celle qui a pour titre: l'Abandonnée. C'est un rare chef-d'oeuvre.*” (FLAUBERT, 1873a, carta 1378). É a primeira de várias outras dicas de leitura, ao longo das cartas. Normalmente, Flaubert acrescenta à indicação uma avaliação crítica concisa, mas decisiva.

Essa crítica por correspondência sempre fez parte do cotidiano de Flaubert. Durante anos, envia cartas a vários amigos escritores. Lê suas obras, dá sua opinião, conversa a respeito com seus correspondentes. Parecendo acreditar no caráter privado de suas cartas, tece certos comentários indelicados, às vezes particularmente ásperos sobre as obras em discussão. Trata-se de uma crítica ofensiva que, todavia, representa o pensamento verdadeiro dos escritores no papel de críticos. Nas cartas à Maupassant, ainda que apenas evocadas, as vítimas de Flaubert estão ali: as peças de teatro de Augier, de Girardin, de Dumas, alguns romances dos Goncourt, de Feydeau, de Zola, de Daudet, entre outros. Assim, um levantamento e uma leitura crítica das obras citadas por Flaubert e de suas críticas a respeito poderiam esclarecer sobre sua concepção de obra-prima e de outros conceitos literários e artísticos que ele queria passar para Maupassant e que permanecem disseminados nas missivas.

Enfim, se as informações se encontram esparsas, se, à primeira vista, as cartas curtas não se configuram como espaço de reflexão, vê-se, para concluir, que uma leitura mais profunda aponta para vários momentos em que a escrita epistolar de Flaubert assume, direta ou indiretamente, uma função pedagógica e sua carta se torna um veículo de ensinamentos literários. Ao ordenar, aconselhar, consolar, ao se narrar e se mostrar, Flaubert está assumindo o papel de mestre e as palavras que escreveu em fevereiro de 1873 à mãe de Maupassant soam como uma profecia que, menos de uma década depois, Flaubert e todos veem se realizar:

Avec le temps, il gagnera de l'originalité, une manière individuelle de voir et de sentir (car tout est là); pour ce qui est du résultat, du succès, qu'importe! Le principal en ce monde est de tenir son âme dans une région haute, loin des fanges bourgeoises et démocratiques. Le culte de l'Art donne de l'orgueil; on n'en a jamais trop. Telle est ma morale. (FLAUBERT, 1873b, Carta 1363).

From Flaubert to Maupassant

ABSTRACT: *This article aims to present some reflections about a selection of letters that Gustave Flaubert (1821-1880) wrote to Guy de Maupassant (1850-1893), between September 23, 1872 and May 3, 1880. For eight years, Flaubert was Maupassant's friend and a literary master and his letters, marked by a multiple and disordered discourse, reveal a path to friendship and the passionate dedication of the master regarding the intellectual and artistic development of the young writer. It is intended here, to draw some considerations to the moments when Flaubert's speech assumes, directly or indirectly, a pedagogical role and the letter becomes a way to literary teaching.*

KEYWORDS: *Flaubert. Maupassant. Letters. Epistolography.*

REFERÊNCIAS

BIENVENU, J. Les carnets intimes d'Hermine Lecomte du noüy. **L'angelus:** bulletin de l'association des amis de Maupassant, [S.l.], n.12, p.3-15, déc. 2001/ jan.2002.

BULLETIN Flaubert, n.102, 10 mars 2008. Disponível em: < <http://flaubert.univ-rouen.fr/bulletin/bulle102.php> >. Acesso em 19 set. 2011.

FLAUBERT, G. **Carta a Guy de Maupassant. 25 abr. 1880a, carta 1986.** Disponível em: < <http://flaubert.univ-rouen.fr/correspondance/conard/lettres/80d.html> >. Acesso em: 19 set. 2011.

_____. **Carta a Guy de Maupassant. 24 mar. 1880b, carta 1973.** Disponível em: <<http://flaubert.univ-rouen.fr/correspondance/conard/lettres/80c.html>>. Acesso em: 19 set. 2011.

_____. **Carta a Guy de Maupassant. Fev. 1880c, carta 1963.** Disponível em: <<http://flaubert.univ-rouen.fr/correspondance/conard/lettres/80b.html>>. Acesso em: 19 set. 2011.

_____. **Carta a Guy de Maupassant. Fev. ou mar. 1880d, carta 1961.** Disponível em: <<http://flaubert.univ-rouen.fr/correspondance/conard/lettres/80b.html>>. Acesso em: 19 set. 2011.

_____. **Carta a Guy de Maupassant. 1 fev. 1880e, carta 1940.** Disponível em: <<http://flaubert.univ-rouen.fr/correspondance/conard/lettres/80b.html>>. Acesso em: 19 set. 2011.

_____. **Carta a Georges Charpentier. 24 jan. 1880f, carta 1936.** Disponível em: <<http://flaubert.univ-rouen.fr/correspondance/conard/lettres/80a.html>>. Acesso em: 19 set. 2011.

_____. **Carta a Guy de Maupassant. 22 ou 23 jan. 1880g, carta 1933.** Disponível em: <<http://flaubert.univ-rouen.fr/correspondance/conard/lettres/80a.html>>. Acesso em: 19 set. 2011.

_____. **Carta a Guy de Maupassant. 13 jan. 1880h, carta 1930.** Disponível em: <<http://flaubert.univ-rouen.fr/correspondance/conard/lettres/80a.html>>. Acesso em: 19 set. 2011.

_____. **Carta a Mme Georges Charpentier. 13 jan. 1880i, carta 1929.** Disponível em: <<http://flaubert.univ-rouen.fr/correspondance/conard/lettres/80a.html>>. Acesso em: 19 set. 2011.

_____. **Carta a Guy de Maupassant. 2 jan. 1880j, carta 1925.** Disponível em: <<http://flaubert.univ-rouen.fr/correspondance/conard/lettres/80a.html>>. Acesso em: 19 set. 2011.

_____. **Carta a Guy de Maupassant. 25 nov. 1879a, carta 1910.** Disponível em: <<http://flaubert.univ-rouen.fr/correspondance/conard/lettres/79d.html>>. Acesso em: 19 set. 2011.

_____. **Carta a Guy de Maupassant. 21 out. 1879b, carta 1903.** Disponível em: <<http://flaubert.univ-rouen.fr/correspondance/conard/lettres/79e.html>>. Acesso em: 19 set. 2011.

_____. **Carta a Guy de Maupassant. 8 out. 1879c, carta 1894.** Disponível em: <<http://flaubert.univ-rouen.fr/correspondance/conard/lettres/79e.html>>. Acesso em: 19 set. 2011.

_____. **Carta a Guy de Maupassant. Abr. 1879d, carta 1845.** Disponível em: <<http://flaubert.univ-rouen.fr/correspondance/conard/lettres/79c.html>>. Acesso em: 19 set. 2011.

_____. **Carta a Guy de Maupassant. 28 mar. 1879e, carta 1833.** Disponível em: <<http://flaubert.univ-rouen.fr/correspondance/conard/lettres/79c.html>>. Acesso em: 19 set. 2011.

_____. **Carta a Guy de Maupassant. 27 fev. 1879f, carta 1817.** Disponível em: <<http://flaubert.univ-rouen.fr/correspondance/conard/lettres/79b.html>>. Acesso em: 19 set. 2011.

_____. **Carta a Guy de Maupassant. 21 fev. 1879g, carta 1813.** Disponível em: <<http://flaubert.univ-rouen.fr/correspondance/conard/lettres/79b.html>>. Acesso em: 19 set. 2011.

_____. **Carta a Guy de Maupassant. 19 fev. 1879h, carta 1812.** Disponível em: <<http://flaubert.univ-rouen.fr/correspondance/conard/lettres/79b.html>>. Acesso em: 19 set. 2011.

_____. **Carta a Guy de Maupassant. 15 jan. 1879i, carta 1788.** Disponível em: <<http://flaubert.univ-rouen.fr/correspondance/conard/lettres/79a.html>>. Acesso em: 19 set. 2011.

_____. **Carta a Guy de Maupassant. 31 dez. 1878a, carta 1781.** Disponível em: <<http://flaubert.univ-rouen.fr/correspondance/conard/lettres/78d.html>>. Acesso em: 19 set. 2011.

_____. **Carta a Guy de Maupassant. 18 dez. 1878b, carta 1776.** Disponível em: <<http://flaubert.univ-rouen.fr/correspondance/conard/lettres/78b.html>>. Acesso em: 19 set. 2011.

_____. **Carta a Guy de Maupassant. 28 ago. 1878c, carta 1747.** Disponível em: <<http://flaubert.univ-rouen.fr/correspondance/conard/lettres/78b.html>>. Acesso em: 19 set. 2011.

_____. **Carta a Guy de Maupassant. 15 ago. 1878d, carta 1746.** Disponível em: <<http://flaubert.univ-rouen.fr/correspondance/conard/lettres/78b.html>>. Acesso em: 19 set. 2011.

_____. **Carta a Guy de Maupassant. Jun./jul. 1878e, carta 1740.** Disponível em: <<http://flaubert.univ-rouen.fr/correspondance/conard/lettres/78a.html>>. Acesso em: 19 set. 2011.

_____. **Carta a Guy de Maupassant. Entre 5 e 10 nov. 1877a, carta 1715.** Disponível em: <<http://flaubert.univ-rouen.fr/correspondance/conard/lettres/77d.html>>. Acesso em: 19 set. 2011.

_____. **Carta a Guy de Maupassant. 5 nov. 1877b, carta 1714.** Disponível em: <<http://flaubert.univ-rouen.fr/correspondance/conard/lettres/77d.html>>. Acesso em: 19 set. 2011.

_____. **Carta a Guy de Maupassant. 17 jan. 1877c, carta 1638.** Disponível em: <<http://flaubert.univ-rouen.fr/correspondance/conard/lettres/77a.html>>. Acesso em: 19 set. 2011.

_____. **Carta a Guy de Maupassant. Jan. 1877d, carta 1635.** Disponível em: <<http://flaubert.univ-rouen.fr/correspondance/conard/lettres/77a.html>>. Acesso em: 19 set. 2011.

_____. **Carta a Guy de Maupassant. 25 dez. 1876a, carta 1627.** Disponível em: <<http://flaubert.univ-rouen.fr/correspondance/conard/lettres/76d.html>>. Acesso em: 19 set. 2011.

_____. **Carta a Guy de Maupassant. Out. 1876b, carta 1615.** Disponível em: <<http://flaubert.univ-rouen.fr/correspondance/conard/lettres/76c.html>>. Acesso em: 19 set. 2011.

_____. **Carta a Guy de Maupassant. 25 out. 1876c, carta 1614.** Disponível em: <<http://flaubert.univ-rouen.fr/correspondance/conard/lettres/76c.html>>. Acesso em: 19 set. 2011.

_____. **Carta à sobrinha Caroline. 11 set. 1876d, carta 1608.** Disponível em: <<http://flaubert.univ-rouen.fr/correspondance/conard/lettres/76c.html>>. Acesso em: 19 set. 2011.

_____. **Carta a Guy de Maupassant. Set. 1876e, carta 1607.** Disponível em: <<http://flaubert.univ-rouen.fr/correspondance/conard/lettres/76c.html>>. Acesso em: 19 set. 2011.

_____. **Carta a Guy de Maupassant. Ago. 1876f, carta 1600.** Disponível em: <<http://flaubert.univ-rouen.fr/correspondance/conard/lettres/76c.html>>. Acesso em: 19 set. 2011.

_____. **Carta a Madame Roger des Genettes. final jul. 1876g, carta 1599.** Disponível em: <<http://flaubert.univ-rouen.fr/correspondance/conard/lettres/76c.html>>. Acesso em: 19 set. 2011.

_____. **Carta à princesa Mathilde. 25 jul. 1876h, carta 1598.** Disponível em: <<http://flaubert.univ-rouen.fr/correspondance/conard/lettres/76c.html>>. Acesso em: 19 set. 2011.

_____. **Carta a Guy de Maupassant. 23 jul. 1876i, carta 1597.** Disponível em: <<http://flaubert.univ-rouen.fr/correspondance/conard/lettres/76c.html>>. Acesso em: 19 set. 2011.

_____. **Carta a Emile Zola. 23 jul. 1876j, carta 1596.** Disponível em: <<http://flaubert.univ-rouen.fr/correspondance/conard/lettres/76c.html>>. Acesso em: 19 set. 2011.

_____. **Carta a Renan. 19 a 26 maio 1876k, carta 1577.** Disponível em: <<http://flaubert.univ-rouen.fr/correspondance/conard/lettres/76a.html>>. Acesso em: 19 set. 2011.

_____. **Carta a Guy de Maupassant. Nov. 1875a, carta 1562.** Disponível em: <<http://flaubert.univ-rouen.fr/correspondance/conard/lettres/75b.html>>. Acesso em: 19 set. 2011.

_____. **Carta a Guy de Maupassant. Fev. 1875b, carta 1527.** Disponível em: <<http://flaubert.univ-rouen.fr/correspondance/conard/lettres/75a.html>>. Acesso em: 19 set. 2011.

_____. **Carta a Guy de Maupassant. 28 jul. 1874, carta 1479.** Disponível em: <<http://flaubert.univ-rouen.fr/correspondance/conard/lettres/74c.html>>. Acesso em: 19 set. 2011.

_____. **Carta à Guy de Maupassant. 20 jun. 1873a, carta 1378.** Disponível em: <<http://flaubert.univ-rouen.fr/correspondance/conard/lettres/73b.html>>. Acesso em: 19 set. 2011.

_____. **Carta à Mme Gustave de Maupassant. 23 fev. 1873b, carta 1363.** Disponível em: <<http://flaubert.univ-rouen.fr/correspondance/conard/lettres/73a.html>>. Acesso em: 19 set. 2011.

_____. **Carta à sobrinha Caroline. 14 oct. 1869, carta 1073.** Disponível em: <<http://flaubert.univ-rouen.fr/correspondance/conard/lettres/69d.html>>. Acesso em: 19 set. 2011.

_____. **Correspondance.** Paris: Éd. Conard, 1926-1933. Disponível em: <<http://flaubert.univ-rouen.fr/correspondance/conard/accueil.html>>. Acesso em: 23 ago. 2011.

FORESTIER, L. **Bref, c'est mon disciple, le cas Flaubert-Maupassant. Romantisme**, n.122, p.93-105, 2003. *Maîtres et disciples*. Disponível em: <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/roman_0048-8593_2003_num_33_122_1224>. Acesso em: 23 ago. 2011.

FREJLICH, H. **Flaubert d'après sa correspondance.** Paris: Société française d'Éditions littéraires et techniques: Malfere, 1933.

GÉRICAUT, T. **Le radeau de la Méduse.** Disponível em: <<http://www.senegal-online.com/le-radeau-de-la-meduse/>>. Acesso em: 19 set. 2011.

Brigitte Monique Hervot

GIRARD, D.; LECLERC, Y. **À propos de l'édition Conard**. Edition électronique des lettres de Flaubert (1830-1880), édition Conard, 1926-1930. Disponível em: <<http://flaubert.univ-rouen.fr/correspondance/conard/autour/conard.html>>. Acesso em: 27 ago. de 2011.

GOTHOT-MERSCH, C. Flaubert dans les lettres de la cinquantaine. **Revue Flaubert**, n.1, 2001. Disponível em: <<http://flaubert.univ-rouen.fr/revue/revue1/mersch.pdf>>. Acesso em: 23 ago. 2011.

LECLERC, Y. **Sacralisation et désacralisation du sexe chez Flaubert**. 2002. Communication au colloque Sex and the Sacred, University of Manchester, 25 mar. 2002. Disponível em: <http://flaubert.univ-rouen.fr/etudes/leclerc_sacralisation.php#ref_30>. Acesso em: 20 ago. 2011.

_____. **Entretien avec Yvan Leclerc**: depoimento. [jan. 2088]. Entrevista concedida a Nathalie Jungerman. Disponível em: <http://www.fondationlaposte.org/article.php?id_article=982>. Acesso em: 23 ago. 2011.

MAUPASSANT, G. de. Gustave Flaubert. **L'Écho de Paris**, 24 nov., 1890. Disponível em: <<http://maupassant.free.fr/chroniq/flaubert5.html>>. Acesso em: 6 ago. 2011.

_____. **Gustave Flaubert**. Paris: G. Charpentier et Cie, 1884. Étude préfaçant le livre *Lettres à George Sand*. Disponível em: <<http://maupassant.free.fr/chroniq/flaubert4.html>>. Acesso em: 6 ago. 2011.

_____. Souvenirs d'un an. **Le Gaulois**, Paris, 23 ago. 1880. Disponível em: <<http://maupassant.free.fr/chroniq/souvenirs.html>>. Acesso em: 6 mar. 2011.

_____. **Lettre a Gustave Flaubert. 26 fev. 1879, carta 126**. Disponível em: <<http://maupassant.free.fr/corresp/126.html>>. Acesso em: 20 ago 2011.

_____. Les poètes français du XVIe siècle. **La Nation**, 17 jan. de 1877. Disponível em: <<http://maupassant.free.fr/chroniq/poetes.html>>. Acesso em: 20 ago. 2011.

_____. **Carta a Flaubert. 1876a, carta 53**. Disponível em: <<http://maupassant.free.fr/corresp/53.html>>. Acesso em: 19 set. 2011.

_____. **La République des Lettres, 22 oct. 1876b**. Disponível em: <<http://maupassant.free.fr/chroniq/flaubert.html>>. Acesso em: 21 set. 2011.

_____. **À la feuille de Rose: maison turque. 1875a**. Disponível em: <<http://www.maupassantiana.fr/Oeuvre/ThAlafeuillederose.html>>. Acesso em: 20 ago. 2011.

_____. **Carta a Edmond Laporte. 13 abr. 1875b, carta 40**. Disponível em: <<http://maupassant.free.fr/corresp/40.html>>. Acesso em: 19 set. 2011.

_____. **Carta a sua mãe. 8 mar. 1875c, carta 36.** Disponível em: <<http://maupassant.free.fr/corresp/36.html>>. Acesso em: 19 set. 2011.

MAUPASSANTIANA. Disponível em: <<http://www.maupassantiana.fr/Biographie/Pseudonymes.html>>. Acesso em: 19 set. 2011.

PRIMOLI, J. **Gustave Flaubert chez la princesse Mathilde.** 1927. Souvenir d'une soirée à Saint-Gratien. Éd. Louis Conard. Disponível em: <http://flaubert.univ-rouen.fr/bovary/bovary_6/temoins/mathilde.html>. Acesso em: 21 set. 2011.

THIBAUDET, A. **Flaubert.** 2007. Texto digitalizado por Hibouc a partir da obra publicada pela editora Gallimard na coleção Leurs Figures em 1935. Disponível em: <<http://www.hibouc.net/lib/flaubert-thibaudet-1.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2011.

TROYAT, H. **Maupassant.** Paris: Flammarion, 1989.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

GALOIN, A. **Le salon de la princesse Mathilde.** Disponível em: <http://www.histoire-image.org/site/oeuvre/analyse.php?liste_analyse=693>. Acesso em: 20 ago. 2011.

LE JUEZ, B. La sensualité mystique et le perroquet chez Flaubert. **Revue Flaubert**, n.10, 2010. Disponível em: <<http://flaubert.univ-rouen.fr/revue/article.php?id=66>>. Acesso em: 19 ago. 2011.

SELVA, T. **Maupassant par les textes.** Disponível em: <<http://maupassant.free.fr>>. Acesso em: 6 mar. 2011.



